

# A CRIANÇA E A MORALIDADE NO COTIDIANO DOS XANGÔS DA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE<sup>1</sup>

Zuleica Dantas Pereira Campos  
(PPGCR-UNICAP/PE)

**Palavras-chave:** Religiões afro-brasileiras; educação; criança

## **Introdução**

O campo de produção de pesquisas acerca das religiões afro-brasileiras é amplo e já sedimentado. A educação dentro dos terreiros tem ocupado os debates nos últimos anos e hoje se reconhece cada vez mais a urgência de compreender a questão em um universo de múltiplos significados, se levarmos em consideração os fanatismos e extremismos de toda ordem que surgem, principalmente relacionados a questões de intolerância religiosa.

Trabalhar a moralidade no universo afro-brasileiro é um grande desafio uma vez que são religiões cuja ética é construída de forma relacional. Trabalhar essa relação com as crianças se constitui em um desafio ainda maior já que seus espaços de afirmação de religiosidade são periféricos.

Este trabalho é produto de minhas pesquisas no campo nas religiões afro-brasileiras em Pernambuco e se baseia em investigação nos terreiros de Xangô da Região Metropolitana do Recife. Através da evidência etnográfica de que as crianças pequenas circulam livremente durante os rituais nos terreiros de Xangô da Região Metropolitana do Recife e, tendo em vista que a religião parece ser definida por essas mesmas crianças como intrinsecamente ligada ao seu cotidiano, as formas de sanção, punição, postura corporal e transgressões, quando a elas relacionadas, são entendidas, nesse espaço sagrado, de forma diferenciada.

As religiões são lugares de aprendizagem social assim como outros espaços e lugares. A convivência com o mundo religioso dentro dos terreiros é bastante diversificada. Algumas crianças nascem e desempenham funções específicas, recebem cargos na hierarquia e são respeitadas como autoridade. Outras simplesmente convivem

---

<sup>1</sup> “Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.”

no seu entorno, participam das festas públicas levadas pelos pais devotos, mas não se engajam especificamente nas atividades sagradas.

### **As Crianças na Roça Jeje Osún Opará Oxossy Ybualama**

Penso aqui nas crianças que observei especificamente no terreiro de Tata Raminho de Oxóssi, denominado “Roça Jeje Osún Opará Oxossy Ybualama”. Se constitui em um terreiro localizado no bairro de Jardim Brasil, município de Olinda, Pernambuco. Tata Raminho de Oxóssi foi iniciado na tradição dos Xangôs de Pernambuco e posteriormente trocou a folha<sup>2</sup> para a tradição Jeje. A experiência observada em seu terreiro representa uma boa amostra do cotidiano dos terreiros da Região Metropolitana do Recife. Os dados foram produzidos através da observação participante.

Chamou-me a atenção essa temática, quando em uma de minhas visitas ao terreiro acompanhada de um amigo, em ocasião de uma de suas grandes festas, este se incomodou e tentou repreender um grupo de crianças. Essas tinham faixa etária entre cinco e seis anos de idade e estavam atrapalhando o início do ritual do *Padê de exú*<sup>3</sup>. Na oportunidade, repreendi meu amigo fazendo-o observar que ninguém se incomodava com a algazarra das crianças uma vez que pareciam achar perfeitamente natural.

*Figura 1: Padê de Exu*



Foto da autora

---

<sup>2</sup> Trocar de folha significa mudar de uma tradição para outra. No caso de Raminho, da tradição Nagô para tradição Jeje.

<sup>3</sup> Oferenda consagrada ao Orixá Exú sempre realizada no início de toda cerimônia.

Exu é o guardião dos terreiros, das casas, das cidades e das pessoas. É um orixá de características múltiplas e contraditórias, aliás, como todos os outros orixás. É o responsável por intermediar a relação dos homens com os outros deuses. Nada se faz sem ele e sem que oferendas lhe sejam feitas, antes e qualquer outro orixá, para neutralizar suas tendências a provocar mal-entendidos entre os seres humanos e em suas relações com os deuses e, até mesmo, dos deuses entre si. Se os devotos não oferecerem primeiramente sacrifícios e oferendas a Exu, antes da realização de qualquer ritual, podem esperar todas as catástrofes

As crianças no terreiro de Raminho, antes e no início do ritual no momento do despacho do *padê*, brincam, gritam, são mal-educadas e os devotos acham perfeitamente natural. A transgressão infantil é assim associada a personalidade do orixá. Brincalhão, impaciente, comunicativo, alegre, carismático e, principalmente, indisciplinado.

Dessa forma, o comportamento transgressor no espaço e momento sagrado são vistos como representação da força (*axé*) do orixá presente no momento da sua oferenda. Representa o seu consentimento e satisfação com a dádiva ofertada.

Por outro lado, também existe crianças na idade em torno de sete anos e mais, que já são confirmadas como *ogan-ilu*, tocador de tambor (*ilu*), e tocam magistralmente. Estas, são vistas pela comunidade com investidura de autoridade. Devotos mais velhos em idade cronológica pedem a benção a essas crianças.

*Figura 2: Ogan-ilu crianças*



Foto da autora

René Ribeiro em seu clássico, “Cultos afro-brasileiros-um estudo de ajustamento social”, publicado originalmente em 1952, faz alusão a importante presença das crianças nos terreiros. Refere-se a liberdade que essas têm em relação às obrigações dos adultos apesar das advertências caso transgridam imprudentemente as normas de conduta do culto. Em ocasiões que não podem tomar parte das atividades sagradas criam brincadeiras com a perfeição de antigos frequentadores. Ribeiro ainda informa que crianças do entorno das comunidades de terreiro também assumem certa intimidade com os rituais mesmo não tendo seus familiares como praticantes (RIBEIRO, 2014).

Caputo em seus trabalhos ressalta que no Candomblé as crianças desempenham funções como os adultos e as que são iniciadas, após o aprendizado, estão preparadas para receber o seu orixá (Caputo, 2012).

Já Oliveira e Almirante, ao escrever sobre a educação de crianças no Candomblé afirmam:

Algumas dessas crianças podem ser classificadas como crianças de Candomblé, mas não oficialmente, porque não assumiram o compromisso de integrar o grupo religioso. No entanto, elas se afirmam como tal, como filhas e filhos de algum santo, assistem e até participam, mesmo que como espectadores e espectadoras, de festas e rituais de obrigação (OLIVEIRA; ALMIRANTE, 2017).

*Figura 3: Crianças na assistência acompanhando os pais*



Foto da autora

Penso aqui a categoria do simbólico, não em sua suposta natureza ou permanência, mas como construída ao longo dos primeiros anos de vida de uma pessoa. Essas crianças, iniciadas ou não, socializam-se nos terreiros e constroem suas representações das coisas sagradas e profanas no cotidiano dos rituais, dos sacrifícios, das consultas, dos jogos divinatórios, das quizilas<sup>4</sup>, enfim, da comunidade religiosa “do santo”.

*Figura 3: Pai pequeno do terreiro como filha de Oxum-criança*



Foto da autora

A imagem acima é significativa. Expressa a postura corporal da criança iniciada sendo aos poucos “guiada” pelo pai pequeno<sup>5</sup>. A foto nos remete a uma postura de

---

<sup>4</sup> São as interdições rituais na maioria das vezes impostas pelo orixá dono do orí (cabeça) do devoto.

<sup>5</sup> Também denominado babakekerê. Segunda pessoa em grau de importância no terreiro. Na ausência do Pai de santo ou Babalorixá é ele que assume o comando.

condução e ensinamento por parte do membro mais velho. Certamente as proibições e preceitos, bem como as sanções provocadas pelas transgressões também estão simbolicamente contidas na imagem.

Porém, penso que ensinamentos, tabus, transgressões e sanções, quando relacionadas às crianças são entendidas, nesse espaço sagrado, de forma bastante diferenciada da tradição cristã.

Os ensinamentos são realizados no processo de socialização. Para os precocemente iniciados, as atribuições de responsabilidade começam a ser cobradas quando são consideradas abiã<sup>6</sup>. As vestimentas (no caso o axó), a conduta, os interditos são aos poucos incorporados ao cotidiano dos pequenos.

As regras de comportamento e punições nem por isso são as mais flexíveis nessas comunidades de terreiro. Afora aquelas advindas do sobrenatural, muitas vezes presenciei familiares de crianças dando safanões, tabefes, empurrões, principalmente em garotos mais levados, que não se colocavam em postura conveniente às regras de etiqueta que a solenidade ritual exigia.

Volney Berkenbrock (2017), ao discutir a pertença religiosa ao mundo afro-brasileiro é extremamente feliz na sua explicação. Os termos adesão e conversão não dão conta uma vez que a pertença se estabelece com a comunidade, através de um novo nascimento, a iniciação. Aí a criança está adentrando de forma progressiva na experiência de seu orixá pessoal e se moldando. As normas vão sendo conhecidas e seguidas e seu orixá cultuado. Como afirma o autor:” Nenhum membro desta religião é iniciado para o Candomblé, como um cristão ao ser batizado, se torna membro do Cristianismo” (BERKENBROCK, 2017, p.917).

Trabalho com a ideia de que a postura do adulto em relação a criança no universo religioso afro-brasileiro é inversa ao entendimento do tratamento dado a criança nas religiões cristãs. O fiel é iniciado para cultuar o seu orixá pessoal não para participar da comunidade.

A ética no Candomblé é uma ética relacional e não uma ética de valores (ou virtudes) gerais válidos para o todo. Na religião do Candomblé não há normas gerais de conduta para o todo. A isto se está chamando aqui de ética de princípios (ou de valores universais ou de virtudes). A falta de princípios gerais válidos para o todo no Candomblé não implica, entretanto afirmar que não haja para os adeptos desta religião elementos que

---

<sup>6</sup> Temo que designa o jovem pré-iniciado tendo cumprido apenas uma parte dos rituais de consagração.

possam servir de referências para se distinguir o que é certo e o que é errado, o que deve ser feito e o que deve ser evitado (BERKENBROCK, 2017).

A tradição cristã é construída e eternizada a partir da noção de culpa e do cultivo do sofrimento humano. Nesta concepção, a busca do perdão é uma das grandes virtudes do ser humano. No catolicismo, para eximir-se da culpa e alcançar o reino dos céus é necessário que o indivíduo cumpra os sete sacramentos cujo primeiro, o batismo, redime o indivíduo do pecado original. Dessa forma, na concepção cristã católica, o indivíduo já nasce culpado. Para redimir-se é necessário a contrição.

### **Considerações Finais**

Assim, o processo de socialização no mundo cristão, especificamente no católico cristão, se realiza através da contrição. O sofrimento, a tristeza, a contenção dos sentimentos efusivos são exaltados como virtudes. É nessa perspectiva que compreendo aqui o tratamento dado a criança neste universo religioso como inverso àquele encontrado nos terreiros afro-brasileiros.

Minha intenção neste trabalho foi refletir, a partir da experiência de pesquisa, em um terreiro da Região Metropolitana de Recife acerca da postura do adulto em relação a criança. Minha premissa é de que o adulto trata a criança no universo religioso afro-brasileiro de forma inversa ao tratamento dado a mesma, nas religiões cristãs.

Na tradição cristã a noção de culpa busca aproximar os homens de deus. A conversão e a prática religiosa giram em torno da noção de dor, arrependimento e perdão. No universo afro-brasileiro a culpa, a dor, o arrependimento e o perdão não são categorias inexistentes, porém, não são centrais na constituição da religião e, dessa forma, não fazem parte de forma significativa do processo de socialização da comunidade religiosa infantil do terreiro.

### **REFERÊNCIAS**

BERKENBROCK, Volney J. O Conceito de Ética no Candomblé. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 15, n. 47, p. 905-928, jul./set. 2017

CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos Terreiros**: e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé. Rio de Janeiro: Palias, 2012.

OLIVEIRA, A.; ALMIRANTE, K. A. Criança, terreiro e aprendizagem: um olhar sobre a infância no candomblé. **Estudos de Religião**, v. 31, n. 3, p. 273-297, set./dez. 2017

RIBEIRO, René. Cultos afro-brasileiros do Recife: um estudo de ajustamento social. Boletim do Instituto Joaquim Nabuco. Número Especial, 1952. In. HUTZLER, Celina. **René Ribeiro e a Antropologia dos cultos afro-brasileiros**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2014